

**ZEFA E NESTOR: PERSONAGENS DA MODERNIZAÇÃO URBANA EM  
CAMPINA GRANDE (PB), UNIDOS PELAS TRAMAS DE UMA  
HISTORIADORA-COSTUREIRA**

**Katyuscia Kelly Catão de Sousa**

Graduada em História – UFCG

kelly\_catão@yahoo.com.br

O objetivo deste artigo é o de ensaiar uma história da modernização urbana em Campina Grande, referente à década de 1940, problematizando códigos e práticas do vestuário do período. Isto se fará mediante o entrelaçamento de fragmentos de histórias de dois personagens trazidos pelo trem. Para tanto será acionada a condição do historiador-costureiro.

Muitos, ao vestirem uma roupa, nos dias atuais, sequer pensam nas intervenções que são feitas para que, enfim, a peça tenha uma forma. Apenas adquirimos e vestimos o produto de um trabalho, cuja existência implica em uma série de escolhas, cortes, intervenções, desejos, perguntas, dúvidas, das quais, habitualmente, não damos conta.

O trabalho do costureiro depende não só de suas próprias vontades, mas está vinculado ao lugar social, político e econômico em que ele e seus clientes ocupam. Ele segue ou rompe com tendências, sempre desejando ser reconhecido pelos seus pares. Para ter sucesso no mundo da moda é preciso ir além da mesmice, conseguir fazer um deslocamento, pondo sua marca de reconhecimento, inventando um diferencial.

O prestígio do costureiro depende, quase sempre, da sua capacidade de fabular, de criar recriando, de fazer arte com os tecidos, que são tramas entrelaçadas por caminhos permitidos, outros interrompidos, transpassados, cortados e reinventados. Conseguir fazer a partir dos tecidos comuns a todos, novos modelos, é uma arte, uma operação. Tal intervenção precisa de métodos e técnicas, que às vezes são comuns a todos, mas cada um precisa achar suas próprias, fazer novos modelos, fundar novas possibilidades de costurar velhos tecidos.

Assim como os tecidos precisam de costureiros para que sejam transformados em roupas, as fontes e documentos desconectados, também precisam de costureiros para que se construam histórias. Nesse sentido, a história ou a historiografia não é pensada como algo dado, que está no seu canto, apenas aguardando que a descubram, pelo contrário, é produto do olhar do historiador, das questões que ele coloca a partir do seu

presente – o historiador é, portanto, o costureiro da história. É a partir de seu trabalho que a história é feita, ou seja, a partir de suas questões, da sua pesquisa, da sua escrita, da sua narrativa que a história é construída.

E assim como o costureiro de tecidos, o historiador – o costureiro de vidas – é, segundo Certeau, “produto” do lugar sócio, cultural, político e econômico do qual faz parte, lugar esse que ao mesmo tempo em que permite dizer, amordaça tantas outras possibilidades de serem ditas. Com isso se quer dizer que o historiador costureiro não tem discurso neutro; suas narrativas são produto de um lugar, que mais tarde avaliará seu desempenho.<sup>1</sup>

Estando “preso” ao lugar, e interessado na opinião de quem o avaliará, no seu reconhecimento, o historiador segue regras na sua pesquisa, assim como também na sua escrita. Além disso, o historiador que deseja ser reconhecido pelos seus pares deve ir além das regras simples, comuns a todos, conseguir trazer à luz algo novo, uma nova forma de dizer, de perguntar, utilizar objetos, muitas vezes já ditos e utilizados, dando-lhes um novo brilho. O historiador, como costureiro, promove também deslocamentos, estabelece novas pertinências, abre novas possibilidades para os materiais com os quais trabalha, fazendo a sua própria narrativa.

A pesquisa é o momento em que o historiador costureiro, a partir de uma questão que o faz avançar, que faz ver rupturas, vai em busca dos objetos, de fontes-tecidos que lhe dêem indícios, que só seu olhar astuto e treinado consegue ver e fazer os recortes.<sup>2</sup> Neste movimento passa, então, a ter em suas mãos retalhos de vidas, de eventos. Mas o que fazer com esses retalhos?

Ao tratar com muitos tecidos, retalho de vidas, cheias de tramas inquietas, cabe então, ao costureiro de vidas, ao historiador, saber coser, saber alinhar retalhos de formas, texturas e cores distintas, com linhas e agulhas, ou melhor, com palavras. Saber fazer a narrativa não é um trabalho fácil. Mas é, sem dúvida a forma como se alinhava os retalhos, que vai dizer ou fazer com que a peça, o artigo, o livro, tenha sua especificidade e assim seja reconhecido pelos seus pares.

---

<sup>1</sup> CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In. \_\_\_\_\_. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. pp. 65-119.

<sup>2</sup> Cf. PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, esp. p. 75-93.

Assim como a roupa que só está pronta quando recebe o corpo, este lhe dará vida, forma, cheiro, movimento, o livro, o artigo, as narrativas também ganham vidas quando são recebidos pelos leitores, quando são lidos, quando suas tramas passam a fazer parte também das tramas e labirintos de cada leitor. Tentaremos, portanto, aqui, dar nova pertinência ao período, já tão estudado na história de Campina Grande.

\* \* \*

Era o ano de 1907. Campina Grande recebia uma das personagens mais lembradas pela memória campinense, naquele instante ainda esperando terra firme para se firmar pelos caminhos da vida: “A menina Josepha, deslumbrada com o trem e emocionada com a viagem, vinha para ficar. E como veio!”<sup>3</sup>

Nestor Bezerra de Melo, chegou em Campina Grande aos 22 anos, alguns anos depois de Josepha. Era o ano de 1939. Ele, que veio para passar apenas seis meses, mal sabia *que também vinha para ficar!* Duas vidas que se vinculavam de alguma forma, sem que soubessem ou mesmo tivessem alguma intenção, talvez nunca tenham se encontrado. Os três, a prostituta, o alfaiate e o trem, cada um ao seu modo, tiveram clientes em comum.<sup>4</sup>

“Nunca poderia imaginar a menina Josepha que, anos mais tarde, seria uma das rainhas das noites campinenses, com o título de ‘Zefa Tributino’”<sup>5</sup>. Ele seria, por sua vez, um dos melhores alfaiates da cidade, um mestre das tesouras: “Quem não conheceu Seu Nestor, não conheceu Campina”.<sup>6</sup> Os dois, cada um a seu modo, conviveriam, nos seus ofícios, com corpos os quais não lhes pertenciam; os dois precisavam de corpos estranhos para sobreviver; os dois teriam que agradar os corpos de seus clientes, satisfazer-lhes ao máximo prestando um bom serviço para que saíssem satisfeitos.

Ele, o “Mágico das Tesouras” conhecia bem a arte de vestir os corpos, de deixá-los satisfeitos em sentir e ver os corpos cobertos. Ela, “A Dama da Noite”, no entanto, conhecia bem a arte de conviver com corpos estranhos desnudos, de deixá-los satisfeitos em se sentir despidos. O Trem também lidava com corpos estranhos, os quais usavam-

<sup>3</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 1º vol., p. 552.

<sup>4</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º vol., p. 343.

<sup>5</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 1º vol., p. 552.

<sup>6</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º vol., p. 343.

no de diversas maneiras. Muitos corpos vinham para ficar, para trabalhar, outros vinham de passagem; alguns dos corpos masculinos, tanto os que passavam quanto os que ficavam, provavelmente usariam os espaços de sociabilidade do “Mágico das Tesouras ou da “Dama da Noite” em Campina Grande.

Nestor e Zefa vivenciaram o auge de suas carreiras na década de 1940, assim como Campina Grande e o Trem. Foi aquela uma época marcada pela intensificação, mesmo que não homogênea, de algumas práticas do moderno. Em momentos daqueles anos, alguns acontecimentos fizeram com que os campinenses experimentassem a emergência e o funcionamento de novos códigos, de novos modos de organização de suas vidas, dos quais os signos da ruralidade foram sendo “desinvestidos” em função de uma maior legitimidade dos signos referentes ao mundo urbano e moderno.<sup>7</sup>

Pelo menos, é assim que a época está representada em certa memória da cidade, como também em boa parte dos estudos sobre a história sobre Campina Grande. A chegada do trem de ferro em 1907 é um dos grandes símbolos da dita modernização campinense; outro marco consiste na gestão do prefeito Verniaud Wanderley (1940-1945). São acontecimentos que marcam em certa medida a metamorfose da Campina rural para a Campina dita moderna. O segundo momento, em especial, foi vivido por Zefa Tributino e Nestor Alfaiate: os dois tiveram uma intensa movimentação no comércio.

No primeiro momento, o trem teria trazido o progresso econômico que levaria Campina Grande a se transformar em pólo econômico, mas não só. Segundo Aranha, algumas práticas culturais foram transformadas ou mesmo possibilitadas a partir do advento dessa maquinaria moderna. Com o trem ficou mais fácil e mais rápido estabelecer outras influências culturais e intelectuais, como, por exemplo, a emergência de novas noções de moda e de como se comportar em locais públicos.<sup>8</sup>

Nos anos 1940, o trem facilitaria a chegada das Damas da Noite, agilizando o fluxo das atrações contratadas por Zefa Tributino durante o período em que ela esteve à

---

<sup>7</sup> Cf. VERAS, Cassandra Carmo de L. O espelho de narciso: uma visão histórica das transformações urbanas de Campina Grande (1935-1945). Graduação em História. Campina Grande: UFPB, 1988. Cf., tb.: SOUSA, Katyuscia Kelly Catão de. *Luzes e olhares costurando corpos: moda e modernização em Campina Grande*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em História. UFCG; CH; UAHG; Curso de História, 2005.

<sup>8</sup> ARANHA, Gervácio B. *Trem e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880-1925)*. Campina Grande - PB: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2006.

frente do Cassino Eldorado, nos anos 1942 a 1950. No começo de sua experiência como senhora do cabaré. Tributino foi contemporânea das ações do então prefeito Verniaud Wanderley, que fez da cidade um objeto de larga refeitura, cuja manifestação mais evidente foi a reconstrução e reordenamento das ruas centrais da cidade, implementando uma lógica higienista e disciplinada de modernização urbana, dando-lhe uma nova roupagem e afastando a zona de meretrício daquele espaço.

Era uma época que alguma parcela da cidade queria desnudar-se das imagens e das práticas ditas não modernas. As ruas centrais da cidade se transfiguraram nesse intuito, como, por exemplo, a Rua Maciel Pinheiro, como lembra Cristino Pimentel

(...) Pouco ou quase nada restando do seu aspecto primitivo. Sempre preferida para os divertimentos da população, agora com mais razão depois que o Progresso lhe tirou o roupão de brim ordinário e vestiu-lhe um rico jaquetão de linho talhado. Nessa rua, menino, assisti a cavalhadas, topadas de boi, entrudos, feiras, cinemas e até tiroteios em tempo de eleição.<sup>9</sup>

Percebemos que a principal rua da cidade, antes de Wanderley, era multifacetada de sentidos, coisa que a modernidade urbana não admitia, tentando-se então transformá-la num espaço de sentido único, comercial. Mas essa lembrança de Pimentel também nos mostra que as transformações físicas naquele espaço transformaram a moda masculina que circulava ali.

Os transeuntes também, segundo essa lembrança, tiveram adequar seu modo de vestir as roupas ditas modernas, como o jaquetão de Brim.

Naquele tempo o povo vestia era gravata, terno, sapatos bem limpos, etc. Havia pessoas em campina Grande que, no geral, trocavam de roupa três vezes por dia.<sup>10</sup>

A lógica higienista da modernidade desejava homens padronizados e disciplinados, vestindo-se iguais e, além disso, limpos. Talvez por esse motivo, o negócio da alfaiataria fosse tão lucrativo naquele momento. Como nos diz Nestor :

A roupa era na base do artesanato (...) Naquela época, tinham muitos alfaiates, como José Rocha, Fausto, que ainda hoje está na ativa, Raimundo Coentro, Cesar e muitos outros que não me lembro agora

<sup>9</sup> PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do passado*. Campina Grande, PB: EDUFCG, 2011, cit. p. 25.

<sup>10</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º vol., p. 344.

Por exemplo, nesse tempo de fim de ano, todos eram cheios e faturavam bem.<sup>11</sup>

Corpos acostumados com o chão batido e a poeira das vias do campo se viram, naquele momento, transitando por ruas retas, calçadas, limpas, que seriam espaços de experimentação de novos códigos de sociabilidade de novas maneiras de vestir-se. Novos cheiros apareciam, novas pisadas, novas texturas, novas caminhadas. Os ateliês e as casas noturnas eram palco daquela nova exibição de si.

Tudo isso, é importante lembrar se dava em tempos de guerra, momento em que se davam problemas de abastecimento. Por outro lado, aquela era uma época, também, de proliferação, no Brasil, de impressos – revistas, por exemplo – que ensinavam outros códigos, outros modos de se viver a moda.<sup>12</sup>

Aquele foi um momento, pois, de problematização da presença dos corpos na cidade: momento de problematização da aparência dos corpos (a roupa sendo elemento central na composição da figura pública do transeunte). Viver numa cidade em crescimento implicava em maior exposição dos corpos, e as ruas eram uma ampla vitrine, um campo de demonstração de si que não possuía outra fronteira a não ser a dos códigos de moda e de decência que se inventavam, então. No mundo moderno a visão é o sentido privilegiado. Para os campinenses daquela época, a prática do bem vestir-se, do cuidado com as roupas e com a aparência para passear nas ruas modernas, passou a ser extremamente importante naquelas ruas iluminadas, mesmo que precariamente.

Antes que a cidade recebesse ou assumisse os contornos idealizados por Wanderley, antes da firmação dos trilhos que trariam o trem e antes mesmo da chegada dos dois forasteiros, Zefa e seu Nestor, personagens que acompanharam de perto as transformações da cidade, a roupa tinha lá suas utilidades, não as mesmas que a cidade moderna exigia, o de embelezar os corpos e de distinção social, a roupa tinha outros sentidos nas “ruas rurais” de Campina Grande, o sentido de proteção dos corpos e não da vaidade.

A Campina Grande que Zefa Tributino e Seu Nestor Alfaiate recordam, a cidade representada por ambos, é uma Campina Grande *grande*: uma cidade desenvolvida,

<sup>11</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º vol., p. 344.

<sup>12</sup> Cf. SEVCENKO, Nicolau. (org.) *História da vida privada no Brasil 3*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

moderna, onde todas as pessoas prosperaram, inclusive eles, um lugar onde o bem vestir fazia parte do cotidiano da cidade e dos espaços freqüentados por ambos.

Segundo Seu Nestor:

Campina Grande, logo que aqui cheguei, era uma cidade que sinceramente, motivava as pessoas para se estabelecerem e ficarem definitivamente. Um comércio promissor, em franco desenvolvimento e que naquela época, já era uma esperança para os que nela aportavam.<sup>13</sup>

Quanto às práticas de vestuários na cidade rememorada por Seu Nestor, não havia pessoas mal vestidas: “A moda daquela época não tinha variações”; “Antigamente ninguém usava camisa nem calças esporte como se usa hoje.”<sup>14</sup>

No Cassino Eldorado, espaço de sociabilidade de divertimento masculino da cidade, lembrado como símbolo do progresso da cidade, só se entrava muito bem vestido, como lembra Zito Napy, freqüentador do Eldorado no período em que Zefa era dona:

(...) para se entrar tinha que ser de gravata, paletó e sapatos limpos. A idade mínima era 18 anos. Na portaria tinha chapelaria. O uso de perfume era um ‘status’ que ninguém queria desmerecer.<sup>15</sup>p.551

Roupas, gestos e cheiros modernos, costumes europeizados que não se restringiam somente aos fregueses, os luxos da moda e do bem vestir eram a regra do Cassino, como nos diz Nina, uma dama da noite, nascida em Patos, que veio morar no Eldorado nos anos 1940, a convite de “Madame Zefa Tributino”:

Ah tínhamos que estar bem arrumadas. O vestido era um soirê muito bem feito, bem penteadas e sapato alto. O ambiente era muito sadio, bom até demais (...) O traje exigido durante a semana era paletó e gravata. Nos finais de semana, era a rigor. Todo mundo elegante, para tornar o ambiente sadio e bom (...).<sup>16</sup>

<sup>13</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º vol., p. 343.

<sup>14</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º vol., p. 346 e 344.

<sup>15</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 1º vol., p. 551.

<sup>16</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 1º vol., p. 567.

A Dama da Noite acolheu no Eldorado muitas moças e rapazes elegantes. Elas muitas vezes escolhiam esse trilho para vida por não ter, talvez, outra direção; iam sem destino certo. Eles certamente iam destinados naqueles trilhos do divertimento, da paixão e talvez do amor. Muitos romances vividos ali, talvez nunca os saibamos, talvez nunca sejam ditos. Talvez os mais intensos estejam guardados apenas na memória de quem os viveu.

Mas Maria Garrafada, uma das damas de Tributino, relatou numa entrevista a Ronaldo Dinoá que Anibal Porto, freqüentador do Eldorado, fora o grande amor da sua vida. Porto, sempre citado pelos boêmios da cidade como grande freqüentador das casas de divertimento noturno de Campina Grande, certamente se vestia muito bem para poder entrar no Cassino. Quantas vezes Maria Garrafada o teria desnudado? Quantas vezes Garrafada desejou sentir seu amado em seus braços sem aqueles ternos elegantes? Quantas vezes ela teria conseguido?

Mas é nessas histórias de amor feitas em retalhos e de retalhos que as tramas e as linhas da vida de Zefa e Seu Nestor se costuram. Aníbal Porto fora amigo de seu Nestor Alfaiate, e certamente ele não deixara de fazer suas roupas com seu amigo. A loja de Nestor, inclusive, ficou conhecida na cidade como *o Senado*, por servir como ponto de encontro para bate-papo. Muitos elegantes estiveram por lá, inclusive o grande amor de Maria Garrafada:

Lá havia grandes reuniões, onde travou-se diálogos importantes. Os habituês eram: Dr. Manuel Figueredo, Mario Araujo, Dr. Gilvan Barbosa, dr. Cláudio Porto, Aníbal Porto, Raimundo Saraiva, Cláudio Colaço, Zeca de Jiló, Petronio, entre outros. Tinha dia que não tinha mais cadeiras onde sentar. No dia do encerramento, houve comes e bebes e Fernando Pereira dos Santos chorou quando fechou.<sup>17</sup>

Zefa Tributino e Seu Nestor Alfaiate tinham muitos amigos em comum. Ambos estavam habituados a receber os homens mais elegantes da cidade, cada um a seu modo. O trem trouxera muitas daquelas damas que tirariam mais tarde toda elegância daqueles homens.

Mas a cidade que Zefa e Nestor nos fala é a cidade, dos corpos e dos espaços que foram sendo reinventados, tomando ares, cheiros, formas do inebriante e fascinante

---

<sup>17</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º vol., p. 348.



mundo moderno e urbanizado.<sup>18</sup> Tais espaços também almejavam corpos reinventados, e desta forma os corpos tiveram que desnudar seus modos ditos não modernos, vestir-se de novas subjetividades e novos códigos de sociabilidades.<sup>19</sup>

“Povo usava muito Branco, roupa diagonal branca. Nessa época de verão então um sucesso. Foi uma roupa que se vestir se tornara um privilegio. Dinoáp.345. v2. Podemos perceber o branco da roupa como símbolo de higienização do corpo, de limpeza, afinal de contas, manter-se limpo, manter uma roupa branca limpa por muito tempo é trabalhoso, desta forma o uso do branco, obriga o individuo estar sempre preocupado com a sua limpeza e obrigava a exigência de ruas limpas também.

O interesse e preocupação da cidade por se vestir bem, pode ser observada pela grande quantidade de lojas de tecido existente na cidade, assim como uma boa quantidade de alfaiates, negócio lucrativo devido à intensa clientela.

Não havia a industrialização da roupa feita naquele tempo. A roupa era na base do artesanato. De forma que o campo era muito extenso. Naquela época, tinham muitos alfaiates, como José Rocha, Fausto, que ainda hoje está na ativa (...) mas todos tinham um movimento louco.”<sup>20</sup>

Um dos clientes desses alfaiates, Moacir Tiê, nos dá o seguinte depoimento em entrevista a Dinoá;

Bem, certa vez cheguei à prefeitura no expediente da tarde, trazendo no ombro o paletó. Vergniaud, dizendo: ‘Porque não veio trabalhar pela manhã?’ Respondi a ele que estava no Eldorado desde a noite anterior. Ele me dispensou e desde aquela data, não sou chegado a trabalho não.<sup>21</sup>

O disciplinador não só de ruas, mas também de corpos, não podia admitir tamanha indisciplina. Note-se que talvez aqui mais uma vez e não provavelmente a última, as tramas da vida de um alfaiate se costuravam com a do Eldorado. Terá Seu Nestor feito o paletó de Moacir Tiê? Teria Zefa Tributino ou alguma das suas damas desnudado Tiê?

<sup>18</sup> Cf. NASCIMENTO, Regina Coeli G. *Disciplina e espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX*. Mestrado em História, Recife: UFPE, 1997.

<sup>19</sup> Cf. CAVALCANTI, Silede L. *Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes em Campina Grande (1930-1950)*. Mestrado em História, Recife: UFPE, 2000.

<sup>20</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º vol., p. 344.

<sup>21</sup> DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º vol., p. 544.

\* \* \*

Memória, esquecimento, silêncio. A elite campinense perpetua uma memória a partir de seus discursos, uma memória de uma cidade moderna e acolhedora, com uma vida noturna agitada, é a partir dessas memórias que se inventa uma Campina Grande moderna, sem desviantes desse progresso.

Sendo os corpos, alvo da sociedade moderna e objeto de constante preocupação, angustias e tensões, não se poupou esforços para civilizá-los e enquadrá-los dentro de certa norma de conduta dita como moderna no espaço urbanizado, onde luzes e olhos estão sobre os corpos, corpos expostos, luzes que exibem a beleza e acentuam a feiúra, olhares impiedosos para os deslizes, como uma falta no trabalho. O homem moderno não aceita falhas, e se vê inserido num ambiente de tal exposição da imagem que a roupa passa a ter uma importância crucial, como se via no Cassino, passando então a ser um elemento essencial para a aceitação e socialização dos indivíduos nos novos espaços.

Ao voltarmos nosso olhar para a primeira metade do século vinte em Campina Grande, não como forma de explicar o presente como continuidade, mas como uma maneira de mostrar contrastes, atentamos para a singularidade da prática de vestir, percebemos algumas dimensões de como as práticas são construídas historicamente e que vão sendo inventadas e reinventadas no cotidiano e nos desejos de determinadas épocas e espaços, ali adquirindo múltiplos sentidos.

### **Bibliografia**

ARANHA, Gervácio B. *Trem e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880-1925)*. Campina Grande - PB: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2006.

CAVALCANTI, Silede L. *Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes em Campina Grande (1930-1950)*. Mestrado em História, Recife: UFPE, 2000.

- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In. \_\_\_\_\_. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. pp. 65-119.
- Cf. PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2 vols.
- NASCIMENTO, Regina Coeli G. Disciplina e espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX. Mestrado em História, Recife: UFPE, 1997.
- PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do passado*. Campina Grande, PB: EDUFCG, 2011.
- SEVCENKO, Nicolau. (org.) *História da vida privada no Brasil 3*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SOUSA, Katyuscia Kelly Catão de. *Luzes e olhares costurando corpos: moda e modernização em Campina Grande*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em História. UFCG; CH; UAHG; Curso de História, 2005.
- VERAS, Cassandra Carmo de L. O espelho de narciso: uma visão histórica das transformações urbanas de Campina Grande (1935-1945). Graduação em História. Campina Grande: UFPB, 1988.